

OS PRODUTOS DA FLORESTA

Em nome da convivência entre a natureza e a ousadia empresarial, surge a ordenha de plantas, para índios e empresários falarem a mesma linguagem



Meyer:
"uma ponte de
cooperação
equilibrada e
justa"

A soma da cultura e de conhecimentos ancestrais dos índios da Amazônia com a biotecnologia moderna, em uma metodologia denominada CogniÍndios, pode resultar na preservação e valorização dos recursos genéticos da natureza e da cultura e dos conhecimentos indígenas. Com esta soma, com a extração dos princípios ativos das plantas, seriam fabricados bioprodutos de alto valor agregado, sem agressões à natureza, garantiu, em palestra realizada em abril, na Associação Comercial do Paraná, o professor Mario Christian Meyer, de currículo invejável, fundador e presidente do Programa Internacional de Salvaguarda da Amazônia, Mata Atlântica e Ameríndios (PISAD), professor da Sorbonne e consultor da Unesco.

Ao retornar de uma das suas viagens à França, há 15 anos, ele resolveu, antes de voltar para Curitiba, parar na Amazônia, onde "o

desconhecimento em vários países indica que é a moradia da chita e do Tarzan". Desde então dedica-se à proteção e ao desenvolvimento auto-sustentável daquela região, das suas diversidades biológicas e culturais. Foi o idealizador do primeiro caso na história de transferência de biotecnologia para a população indígena, conhecido como "um processo de cooperação equitativa de respeito às tradições milenares e de identidade psicocultural do índio, para assegurar o seu desenvolvimento sustentável para as futuras gerações", na maior reserva biológica do planeta, a Amazônia, e os 12% que restam da Mata Atlântica.

Sobrevivência pelo conhecimento das plantas - Segundo ele, os índios que ainda vivem sem contato com o homem branco e em perfeita harmonia com a natureza, 10% dos cerca dos cerca de 350 mil existentes no país, podem utilizar uma tecnologia avançada como a que está sendo proposta para a criação de bioprodutos. Além deles, há outros 100 mil índios, com contatos ocasionais com os 'brancos' e que guardam um conhecimento preservado da natureza, segundo inventário que ele fez para a Unesco, e que poderiam igualmente trabalhar com tecnologias modernas. "Os índios que se encontram nas proximidades das cidades já estão aculturados e, face ao poder da cultura dominante, não estão mais em condições de 'exercer' a sua identidade indígena. Mas, é preciso lembrar que eles, antes da chegada dos conquistadores, viviam aqui há pelo menos 11 mil anos. E sobreviveram, por milênios, sem a ajuda de quem quer que seja, num dos meios mais arriscados e hostis do planeta, em grande parte pelo conhecimento afinado das plantas medicinais que lhes permitiram sanar as incontáveis agressões que o meio lhes infligia".

Meyer comenta que a única forma de preser-

var o que resta da inestimável cultura indígena consiste em fornecer ao índio "os instrumentos da tecnologia moderna, que lhes servirá de escudo protetor ao mesmo tempo em que lhes fornecerá a possibilidade de exercer uma função digna dentro da sociedade contemporânea. Em troca, o seu saber enriquecerá certos aspectos da biotecnologia e ele se tornará mestre em alguns tipos de bioprodutos que correspondem aos anseios e demandas da sociedade contemporânea", afirma, acrescentando que "aos poucos, as pessoas estão passando da química sintética, que foi importante em um certo momento do mundo, e ainda é, para a química biológica".

Resultados econômicos sem danos para a natureza - Ele, que revela interesse de empresas, tanto nacionais como estrangeiras, em assumir o projeto CogniÍndios, diz que conseguiu com o Instituto Nacional Politécnico de Loraine, na França, adaptar uma técnica que permite formar um grupo de índios capazes de assegurar a aplicação desse novo procedimento biotecnológico, chamado de PAT ("plantes à traire" ou plantas a ordenhar). "Criamos um procedimento prático que possibilita aos empresários e às comunidades da floresta falarem a mesma linguagem e terem o mesmo objetivo: produzir resultados econômicos e sociais - preservando a natureza, com o benefício ficando em grande parte no Brasil."

A nova biotecnologia, segundo Meyer, permite extrair, sem danificar a natureza, os princípios ativos das plantas. O trabalho é feito com a hidroponia. Raízes de plantas selecionadas na floresta são mergulhadas em um líquido com nutrientes. "Elas serão 'provocadas' por substâncias especiais para que se defendam. A planta se defende excretando princípios ativos liberados pelas raízes. Através de uma técnica inovadora,

esses princípios ativos serão capturados numa coluna contendo resinas que fixam as moléculas de interesse farmacológico, cosmético etc. Numa segunda fase, passa-se por essa coluna uma solução que vai liberar os princípios ativos para que possam ser concentrados, por destilação, na forma de um extrato semipurificado, com alto valor comercial", explica, acrescentando que, para se ter uma idéia, o valor atual do taxol, substância anticâncer extraída da planta americana "Pacific Yew", é de US\$ 500 mil por quilo.

Segundo Meyer, indústrias européias já assinaram acordos com o PISAD, comprometendo-se a transferir outras tecnologias e reverter benefícios equitativos às comunidades indígenas. Empresários brasileiros, interessados no desenvolvimento sustentável, devem se associar, ele espera, às comunidades da floresta para viabilizar a bioprodução a nível internacional. "Eles se diferenciarão das demais concorrentes nacionais e internacionais. Desenvolvemos assim uma ponte de cooperação equilibrada e justa", concluiu.



Revista do Comércio 19

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PARANÁ

REVISTA DO

Comércio

Associação Comercial do Paraná

ANO 12 - NÚMERO 119 - MAIO/2008

www.acpr.com.br